

JOVENS

DE

ELITE



MARIE LU

JOVENS
DE ELITE



TRADUÇÃO
RACHEL AGAVINO

ROCCO
JOVENS LEITORES

Título original
THE YOUNG ELITES

Copyright © 2014 by Xiwei Lu
Copyright da ilustração e do mapa © 2014 by Russell R. Charpentier

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Edição brasileira publicada mediante acordo com a G.P. Putnam's Sons, uma divisão da Penguin Young Readers Group, um selo da Penguin Group (USA) LLC, A Penguin Random House Company.

Direitos para a língua portuguesa reservados com exclusividade para o Brasil à EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Preparação de originais
MARIA BEATRIZ BRANQUINHO

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Lu, Marie
L96j Jovens de elite / Marie Lu; tradução Rachel Agavino. - Primeira edição. - Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2016.
(Jovens de elite; 1)

Tradução de: The young elites
ISBN 978-85-7980-263-8

1. Fantasia - Ficção norte-americana. 2. Ficção americana.
I. Agavino, Rachel. II. Título. III. Série.

15-27492

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Este livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Para minha tia, Yang Lin, por tudo o que você faz.

Quatrocentos morreram aqui. Rezo para que os seus estejam se saindo melhor. A cidade cancelou as celebrações das Luas de Primavera por causa da quarentena, e os típicos mascarados se tornaram tão escassos quanto a carne e os ovos.

A maioria das crianças em nosso distrito está se recuperando de doenças com efeitos colaterais bastante peculiares. O cabelo de uma menina passou de dourado a preto da noite para o dia. Um garoto de seis anos tem cicatrizes no rosto sem nunca ter sido ferido. Os outros médicos estão bastante amedrontados. Por favor, avise-me se vir acontecimentos similares, senhor. Sinto algo estranho no ar e estou ansioso para estudar esse efeito.

*Carta do Dr. Siriano Baglio para o Dr. Marino de Segna,
31 de Abrie, 1348
Distritos do Sudeste de Dalia, Kenetra*

13 de JUNO, 1361

**Cidade de Dalia
Sul de Kenettra
Terras do Mar**

Alguns nos odeiam, pensam que somos fora da lei
a serem pendurados na forca.
Alguns nos temem, pensam que somos demônios
a serem queimados na fogueira.
Alguns nos adoram, pensam que somos filhos dos deuses.
Mas *todos* nos conhecem.
– *Fonte desconhecida sobre os Jovens de Elite*

Adelina Amouteru

Nou morrer amanhã de manhã.

Pelo menos é o que os Inquisidores dizem quando vêm à minha cela. Estou aqui há semanas – sei porque contei quantas vezes as refeições chegaram.

Um dia. Dois dias.

Quatro dias. Uma semana.

Duas semanas.

Três.

Depois parei de contar. As horas passam, uma infinita sequência de nada preenchida com diferentes ângulos de luz e o tremor da pedra fria e úmida, os pedaços da minha sanidade, os sussurros desconexos dos pensamentos.

Mas amanhã meu tempo acaba. Eles vão me queimar na fogueira, na praça do mercado central, para todos verem. Os Inquisidores dizem que uma multidão já começou a se reunir do lado de fora.

Sento-me ereta, do jeito que sempre me ensinaram. Meus ombros não tocam a parede. Levo um tempo para perceber que estou me balançando para a frente e para trás, talvez para me manter sã, talvez

apenas para ficar aquecida. Também murmuro uma antiga canção de ninar, uma que minha mãe costumava cantar para mim quando eu era bem pequena. Faço o melhor que posso para imitar a voz dela, um som doce e delicado, mas minhas notas saem falhadas e roucas, nem um pouco como me lembro. Paro de tentar.

É úmido demais aqui embaixo. A água escorre de cima da porta e criou um caminho na parede de pedra, de um verde desbotado e preto de sujeira. Meu cabelo está sem cor, e as unhas estão cheias de sangue e terra. Gostaria de escová-las. É estranho que tudo em que eu consigo pensar no meu último dia seja como estou suja? Se minha irmãzinha estivesse aqui, murmuraria algo reconfortante e mergulharia minhas mãos em água morna.

Não consigo parar de me perguntar se ela está bem. Não veio me ver.

Apoio a cabeça nas mãos. Como fui terminar assim?

Mas sei como, claro. É porque sou uma assassina.



Tudo aconteceu várias semanas antes, em uma noite de tempestade, na propriedade do meu pai. Eu não conseguia dormir. Chovia, e os relâmpagos refletiam na janela do meu quarto, mas nem mesmo a tempestade podia abafar a conversa no andar de baixo. Meu pai e seu hóspede falavam de mim, claro. As conversas que papai tinha, tarde da noite, eram sempre sobre mim.

Eu era o assunto no distrito onde minha família morava, no leste de Dalia. *Adelina Amouteru?*, diziam todos. *Ah, foi uma das que sobreviveram à febre há uma década. Coitadinha. O pai vai ter dificuldade para casá-la.*

Nenhum deles dizia isso por eu não ser *bonita*. Não estou sendo arrogante, apenas honesta. Minha ama-seca uma vez me disse que qualquer homem que tivesse posto os olhos em minha falecida mãe esperava com curiosidade ver suas duas filhas se tornarem mulheres. Minha irmã mais nova, Violetta, com apenas catorze anos já era a incipiente imagem da perfeição. Diferente de mim, herdara o temperamento e o charme inocente de nossa mãe. Ela beijava meu rosto, ria,

rodopiava e sonhava. Quando éramos muito pequenas, sentávamos juntas no jardim, e ela trançava mirta em meu cabelo. Eu cantava para ela. E ela inventava brincadeiras.

Costumávamos amar uma à outra.

Meu pai trazia joias para Violetta e a observava bater palmas, maravilhada, enquanto ele as prendia em volta de seu pescoço. Ele lhe comprava vestidos bonitos, que chegavam ao porto vindos dos mais distantes cantos do mundo. Ele lhe contava histórias e dava um beijo de boa-noite. Ele a lembrava de como era bonita, como poderia elevar o padrão da família com um bom casamento, como atrairia príncipes e reis, se o desejasse. Violetta já tinha uma fila de pretendentes ansiosos por garantir sua mão, e papai dizia a todos que fossem pacientes, que ela não se casaria até completar dezessete anos. *Que pai zeloso*, todos pensavam.

É claro que Violetta não escapou de *toda* a crueldade de papai. Ele lhe comprava vestidos apertados e dolorosos demais, de propósito. Gostava de ver os pés dela sangrarem por causa dos sapatos cravejados de joias que a incentivava a usar.

Ainda assim, ele a amava, a seu modo. É diferente, entenda, porque ela era o investimento dele.

Comigo era outra história. O oposto de minha irmã, abençoada com cabelos pretos cheios de brilho que emolduram seus olhos escuros e a bela pele morena, sou marcada. E por marcada quero dizer: quando eu tinha quatro anos, a febre do sangue atingiu seu ápice, e todos em Kennetra trancaram suas casas em pânico. Em vão. Mamãe, minha irmã e eu, todas sucumbimos à febre. Sempre dava para saber quem estava infectado – pintas estranhas, de tons diferentes, apareciam na pele, os cabelos e cílios mudavam de cor rapidamente, e lágrimas cor-de-rosa, tingidas de sangue, escorriam dos olhos. Ainda me lembro do cheiro da doença em casa, a ardência da aguardente em meus lábios. Meu olho esquerdo ficou tão inchado que um médico teve que extraí-lo. Fez isso com uma faca incandescente e uma pinça fervente.

Então, sim. Pode-se dizer que sou imperfeita.

Marcada. Uma *malfetto*.

Violetta se recuperou da febre intacta, e eu ganhei uma cicatriz no lugar do olho. O cabelo dela continuou preto e cheio de brilho, mas *meus* fios e cílios adquiriram um tom prateado estranho e em constante mudança. À luz do sol, parecem quase brancos, como uma lua de inverno. No escuro, mudam para um cinza profundo, uma seda cintilante, fiada a partir de metal.

Pelo menos me saí melhor do que mamãe. Ela morreu, como todos os adultos infectados. Lembro-me de chorar em seu quarto vazio todas as noites, desejando que a febre tivesse levado meu pai em seu lugar.

Ele e seu hóspede misterioso continuavam conversando no andar de baixo. Fui dominada pela curiosidade e joguei as pernas para a lateral da cama. Arrastei-me até a porta do quarto com passos leves e a abri um pouco. A luz fraca de velas iluminava o corredor do lado de fora. Lá embaixo, papai estava sentado de frente para um homem alto, de ombros largos, com cabelos grisalhos nas têmporas, presos em um rabo de cavalo baixo e curto, comum, o veludo do casaco, preto e laranja, brilhando à luz. O casaco de meu pai também era de veludo, mas o material estava fino de tão gasto. Antes de a febre do sangue arrasar nosso país, as roupas dele eram tão luxuosas quanto as do convidado. Agora? É difícil manter bons negócios quando se tem uma filha *malfetto* manchando o nome da família.

Os dois bebiam vinho. Papai devia estar disposto a negociar esta noite, pensei, para ter aberto um de nossos últimos bons barris.

Abri a porta um pouquinho mais, me arrastei para o corredor e me sentei na escada, o queixo apoiado nos joelhos. Esse era meu lugar favorito. Às vezes eu fingia ser uma rainha que ficava ali, na sacada do palácio, olhando para meus súditos humilhados lá embaixo. Nessa noite, assumi o posto e ouvi com atenção a conversa. Como sempre, certifiquei-me de que meu cabelo cobria a cicatriz. Minha mão repousava, sem jeito, na escadaria. Papai quebrara meu quarto dedo, que não calcificou reto. Mesmo agora eu não podia fechá-lo direito em volta do corrimão.

– Não tenho a intenção de ofendê-lo, Mestre Amouteru – disse o homem a papai. – O senhor era um comerciante de boa reputação. Mas

isso foi há muito tempo. Não quero ser visto negociando com uma família *malfetto*... dá azar, o senhor sabe. Há pouca coisa que possa me oferecer.

Meu pai mantinha o sorriso no rosto. O sorriso forçado de uma negociação.

– Ainda há credores na cidade que trabalham comigo. Posso lhe pagar assim que o movimento no porto aumentar. Há uma grande demanda pela seda e pelas especiarias de Tamoura este ano...

O homem não pareceu impressionado.

– O rei é burro como um cachorro – respondeu. – E cachorros não são bons em governar países. Temo que os portos ficarão fechados por anos, e, com as novas leis tributárias, suas dívidas só vão crescer. Como poderá me pagar?

Papai se recostou na cadeira, tomou um gole do vinho e suspirou.

– Deve haver algo que eu possa lhe oferecer.

O homem analisou sua taça de vinho, pensativo. Os traços duros de seu rosto me fizeram tremer.

– Fale-me sobre Adelina. Quantas ofertas o senhor recebeu?

Meu pai corou. Como se o vinho já não o tivesse deixado vermelho o bastante.

– As ofertas pela mão de Adelina têm demorado a chegar.

O homem sorriu.

– Então nenhuma para sua pequena aberração.

Papai apertou os lábios.

– Não tantas quantas eu gostaria – admitiu.

– O que os outros dizem sobre ela?

– Os outros pretendentes? – Meu pai passou a mão no rosto, admitindo que meus defeitos o constrangiam. – Dizem a mesma coisa. Sempre voltamos às... marcas dela. O que posso lhe dizer, senhor? Ninguém quer que uma *malfetto* dê à luz seus filhos.

O homem ouviu, emitindo sons de empatia.

– O senhor não ouviu as últimas notícias de Estenzia? Dois homens foram encontrados queimados quando voltavam da ópera para casa.
– Meu pai mudou de assunto depressa, esperando que o estranho ti-

vesse pena dele. – Marcas de tochas nas paredes, os corpos derretidos de dentro para fora. Todos têm medo de *malfettos*. Até mesmo o *senhor* está relutante em fazer negócios comigo. Por favor. Não tenho mais o que fazer.

Eu sabia do que meu pai estava falando. Ele se referia a *malfettos* muito específicos – um grupo raro de crianças que escapou da febre do sangue com cicatrizes bem piores que as minhas, habilidades assustadoras que não são deste mundo. Todos falavam desses *malfettos* em sussurros apressados; a maioria os temia e os chamava de demônios. Mas *eu* secretamente os respeitava. As pessoas diziam que eles podiam conjurar fogo do ar. Podiam controlar o vento. Invocar monstros. Desaparecer. Matar em um piscar de olhos.

Se procurasse no mercado negro, encontraria gravuras de madeira à venda, com seus nomes entalhados de modo elaborado, objetos colecionáveis proibidos que, em tese, significavam que *eles* o protegiam – ou que, pelo menos, não o machucariam. Independentemente de qual fosse a opinião, todos sabiam seus nomes. *Ceifador. Magiano. Caminhante do Vento. Alquimista.*

Os Jovens de Elite.

O homem balançou a cabeça.

– Ouvi dizer que mesmo os pretendentes que recusam Adelina ainda ficam de queixo caído por ela, loucos de desejo. – Fez uma pausa. – Verdade que as marcas dela são... uma infelicidade. Mas uma garota bonita é sempre uma garota bonita.

Algo estranho brilhou em seus olhos. Meu estômago revirou ao ver aquilo, e afundi mais o queixo nos joelhos, como se isso fosse me proteger.

Meu pai parecia confuso: empertigou-se na cadeira e gesticulou com a taça de vinho para o homem.

– Você está me fazendo uma oferta pela mão de Adelina?

O negociante enfiou a mão no casaco e pegou uma pequena bolsa marrom, então a jogou sobre a mesa. A bolsa caiu com um retinido pesado. Como filha de comerciante, me familiarizei com o dinheiro

– e, pelo som e pelo tamanho das moedas, eu podia dizer que a bolsa estava cheia até a borda com talentos de ouro. Contive um arquejo.

Meu pai ficou boquiaberto com o conteúdo da bolsa, e o homem se recostou e bebericou o vinho, pensativo.

– Sei dos tributos que o senhor ainda não pagou à coroa. Sei de suas novas dívidas. E vou cobrir todas elas em troca de sua filha Adelina.

Papai franziu a testa.

– Mas você tem uma esposa.

– Tenho, sim. – O homem fez uma pausa e então acrescentou: – Nunca disse que quero *me casar* com ela. Só estou propondo tirá-la de suas mãos.

Senti o sangue deixar meu rosto.

– O senhor... o senhor a quer como amante, então? – perguntou papai.

O homem deu de ombros.

– Nenhum nobre em sã consciência se casaria com uma garota tão marcada... ela não poderia comparecer a compromissos públicos comigo. Tenho uma reputação a zelar, Mestre Amouteru. Mas acho que podemos chegar a um acordo. Ela terá uma casa, e o senhor terá seu ouro. – Ele ergueu uma das mãos. – Com uma condição. Eu a quero *agora*, não daqui a um ano. Não tenho paciência para esperar até que complete dezessete anos.

Um zumbido estranho invadiu meus ouvidos. Não era permitido que *ninguém* – rapaz ou moça – se entregasse a outra pessoa até completar dezessete anos. Esse homem estava pedindo que meu pai infringisse a lei. Que desafiasse os deuses.

Meu pai ergueu uma sobrancelha, mas não discutiu.

– Uma amante – disse, por fim. – O senhor deve saber o que isso fará com minha reputação. É o mesmo que vendê-la para um bordel.

– E como anda sua reputação agora? Quanto prejuízo ela já causou a seu nome no mercado? – O homem se inclinou para a frente. – Com certeza o senhor não está insinuando que minha casa não passa de um bordel comum. Pelo menos sua Adelina pertenceria a uma casa nobre.

Enquanto via meu pai tomar o vinho, minhas mãos começaram a tremer.

– Uma amante – repetiu ele.

– Pense rápido, Mestre Amouteru. Não vou repetir a oferta.

– Dê-me apenas um momento – meu pai o tranquilizou, ansioso.

Não sei quanto tempo durou o silêncio, mas quando enfim ele voltou a falar, pulei ao som de sua voz.

– Adelina poderia ser uma boa companhia para o senhor. É sábio de sua parte enxergar isso. Ela é adorável, mesmo com as marcas e... o temperamento.

O homem girou o vinho na taça.

– Vou domá-la. Negócio fechado?

Fechei o meu único olho. O mundo afundou na escuridão – imaginei o rosto do homem diante do meu, a mão dele em minha cintura, seu sorriso repugnante. Nem sequer esposa. *Amante*. A ideia fez com que me encolhesse na escada. Sob um nevoeiro de tontura, vi meu pai apertar a mão do homem e os dois tocarem as taças em um brinde.

– Negócio fechado, então – disse papai. Ele parecia aliviado de um grande fardo. – Amanhã ela será sua. Apenas... mantenha isso em particular. Não quero os Inquisidores batendo à porta e me multando por cedê-la jovem demais.

– Ela é uma *malfetto* – respondeu o homem. – Ninguém se importa. – Ele ajustou as luvas e se levantou da cadeira com um movimento elegante. Meu pai baixou a cabeça. – Mandarei uma carruagem buscá-la pela manhã.

Papai foi levá-lo à porta, e me esgueirei para o quarto e fiquei ali no escuro, tremendo. Por que as palavras de meu pai ainda feriam meu coração? Eu já devia estar acostumada. O que ele me falara certa vez? *Minha pobre Adelina*, dissera, acariciando meu rosto com o polegar. *Que vergonha! Olhe só para você. Quem vai querer uma malfetto como você?*

Vai ficar tudo bem, tentei dizer a mim mesma. Pelo menos você pode deixar seu pai para trás. Não vai ser tão ruim. Mas mesmo ao pensar isso, senti um peso no peito. Eu sabia a verdade. Malfettos não são bem-

-vindos. Dão azar. E, mais do que nunca, são temidos. Eu poderia ser jogada de lado no instante em que o homem se enchesse de mim.

Meu olhar vagou pelo quarto e se fixou na janela. Meu coração parou por um momento. A chuva desenhava linhas zangadas pelo vidro, mas além delas eu ainda podia ver a silhueta da cidade de Dalia, de um azul profundo, as fileiras de torres de tijolos e seus domos, as vielas de pedra, os templos de mármore, as docas em que os limites da cidade se inclinavam gentilmente para o mar, onde, nas noites claras, gôndolas com lanternas douradas deslizavam na água. Onde rugiam as cachoeiras que margeavam o sul de Kenettra. Nessa noite, o oceano estava agitado, furioso, e a espuma branca explodia no horizonte da cidade, fazendo transbordar os canais.

Continuei olhando pela janela castigada pela chuva por um bom tempo.

Esta noite. Esta era a noite.

Corri para a cama, me ajoelhei e puxei uma trouxa que tinha feito com um lençol. Dentro dela havia prataria de qualidade – garfos e facas, candelabros, pratos gravados – qualquer coisa que eu pudesse vender em troca de comida e abrigo. Esta é mais uma coisa adorável sobre mim. Eu roubo. Andei roubando objetos de nossa casa por meses, guardando as coisas embaixo da cama, preparando-me para o dia em que não conseguisse mais viver com meu pai. Não era muito, mas calculei que, se vendesse tudo aos negociantes certos, acabaria com alguns talentos de ouro. O suficiente para me manter por pelo menos alguns meses.

Em seguida, corri para o baú de roupas, puxei uma braçada de sedas e zanzei pelo quarto coletando todas as joias que consegui encontrar. Meu bracelete de prata. Um colar de pérolas, herança de mamãe que minha irmã não quis. Um par de brincos de safira. Peguei duas longas faixas de seda que formavam um turbante tamourano. Eu precisaria esconder meu cabelo prateado durante a fuga. Agi com uma concentração febril. Guardei as joias e as roupas com cuidado dentro da trouxa, escondi-a atrás da capa e calcei as botas de montaria de couro suave.

Sentei-me para esperar.

Uma hora mais tarde, quando meu pai foi para a cama e a casa ficou em silêncio, peguei a trouxa. Corri para a janela e pressionei a mão ali. Cuidadosamente, empurrei a vidraça esquerda para o lado e a abri. A tempestade amainara um pouco, mas ainda chovia o bastante para abafar o barulho dos meus passos. Olhei por cima do ombro uma última vez, em direção à porta do quarto, como se esperasse meu pai entrar. *Aonde você vai, Adelina?*, diria ele. *Não há nada lá fora para uma garota como você.*

Afastei a voz dele de minha cabeça. Que ele descubra que sumi pela manhã, junto com sua melhor chance de quitar as dívidas. Respirei fundo e então me preparei para subir na janela aberta. A chuva gelada chicoteava meus braços, espetando minha pele.

– Adelina?

Virei-me na direção da voz. Atrás de mim, vi a silhueta de uma garota à porta – minha irmã, Violetta, ainda esfregando os olhos, sonolenta. Ela olhou a janela aberta e a trouxa em meus ombros e, por um momento aterrorizante, achei que fosse levantar a voz e gritar por papai.

Mas Violetta ficou me olhando em silêncio. Senti uma pontada de culpa, mesmo com a visão dela provocando uma onda de ressentimento em meu coração. Que idiota. Por que eu deveria ficar triste por alguém que me viu sofrer tantas vezes antes? *Amo você, Adelina*, ela costumava dizer, quando era pequena. *Papai ama você também. Ele só não sabe demonstrar.* Por que eu tinha pena da irmã que era valorizada?

Ainda assim, eu me vi indo até ela, com passos silenciosos, pegando uma de suas mãos e pondo o dedo fino em seus lábios. Ela me lançou um olhar preocupado.

– Você deveria voltar para a cama – sussurrou. À luz fraca da noite, pude ver o brilho de seus olhos escuros e frios, sua pele delicada. A beleza dela era muito pura. – Vai se meter em encrenca se papai encontrá-la.

Apertei a mão dela com mais força, em seguida deixei nossas testas se tocarem. Ficamos paradas por um bom tempo, e parecia que éramos

crianças de novo, uma se apoiando na outra. Em geral, Violetta se afastava de mim, pois sabia que papai não gostava de nos ver próximas. Desta vez, no entanto, se agarrou a mim. Como se soubesse que essa noite era diferente.

– Violetta – sussurrei –, você se lembra de quando mentiu para papai a respeito de quem tinha quebrado um dos melhores vasos dele?

Minha irmã assentiu, com a cabeça em meu ombro.

– Preciso que faça isso por mim outra vez. – Afastei-me o suficiente para prender o cabelo dela atrás da orelha. – Não diga nada.

Ela não respondeu. Em vez disso, engoliu em seco e olhou para o quarto de papai, do outro lado do corredor. Ela não o odiava como eu, e a ideia de ir contra o que ele ensinara – que ela era boa demais para mim, que me amar era besteira – enchia seus olhos de culpa. Por fim, assentiu. Senti como se um fardo tivesse sido tirado de meus ombros, como se ela estivesse me deixando ir.

– Tome cuidado lá fora. Fique em segurança. Boa sorte.

Trocamos um último olhar. *Você poderia vir comigo, pensei. Mas sei que não viria. É medrosa demais. Volte e continue sorrindo para os vestidos que papai compra para você.* Ainda assim, meu coração amoleceu por um momento. Violetta sempre foi a boa menina. Ela não escolheu nada disso. *Desejo-lhe uma vida feliz. Espero que se apaixone e faça um bom casamento. Adeus, irmã.* Não me atrevi a esperar que ela dissesse mais alguma coisa. Virei-me, andei até a janela e pisei no peitoril do segundo andar.

Quase perdi o equilíbrio. A chuva deixara tudo escorregadio, e minhas botas de cavalgada lutaram para encontrar aderência no peitoril estreito. Um pouco da prataria caiu da trouxa, encontrando, com estrondo, o chão lá embaixo. *Não olhe para baixo.* Caminhei pelo peitoril até chegar a uma sacada e, de lá, deslizei para baixo, até que não houvesse nada além de minhas mãos trêmulas me sustentando. Fechei o olho e me soltei.

Minhas pernas se dobraram quando aterrissei. O impacto me fez perder o fôlego e, por um momento, tudo o que consegui fazer foi ficar ali, na frente da nossa casa, molhada da chuva, os músculos doendo,

buscando ar. Fios de cabelo se colavam ao meu rosto. Tirei-os da frente e rastejei, apoiada nas mãos e nos joelhos. A chuva conferia um brilho refletivo a tudo em volta, como se aquilo fosse um tipo de pesadelo do qual eu não conseguia acordar. Concentrei-me. Precisava sair dali antes que papai descobrisse que eu tinha sumido. Por fim, fiquei de pé e corri, confusa, em direção aos estábulos. Os cavalos se agitaram quando entrei, mas soltei meu garanhão favorito, sussurrei algumas palavras tranquilizantes para ele e o selei.

Corremos na tempestade.

Eu o incitei ao máximo, até deixarmos para trás a propriedade de papai e cruzarmos o limite do mercado de Dalia. O lugar estava completamente abandonado e cheio de poças – eu nunca tinha ido à cidade naquele horário, e encontrar vazio um lugar em geral apinhado de gente me deixou nervosa. Meu garanhão bufou, agitado por causa do aguaceiro, e deu vários passos para trás. Seus cascos afundaram na lama. Desci da sela, passei as mãos pelo pescoço dele, em uma tentativa de acalmá-lo, e tentei puxá-lo para a frente.

Foi então que ouvi o som de cascos galopando atrás de mim.

Fiquei congelada onde estava. A princípio, o som parecia distante – quase completamente abafado pela tempestade –, mas então, um instante depois, tornou-se ensurdecedor. Tremi. *Meu pai*. Eu sabia que ele estava vindo; só podia ser ele. Parei de acariciar o garanhão e, em vez disso, desesperada, agarrei sua crina molhada. Será que Violetta contara a papai? Talvez ele tivesse ouvido o barulho da prataria caindo do telhado.

E, antes que eu pudesse pensar em qualquer outra coisa, eu o vi, uma imagem que me encheu de terror: meu pai, os olhos faiscando, se materializando através da névoa úmida da madrugada. Em toda a vida, nunca vira tanta raiva em seu semblante.

Apressei-me em pular de novo sobre o cavalo, mas não fui rápida o bastante. Em um instante o cavalo de meu pai avançava em nossa direção e, no seguinte, ele estava *ali*, suas botas fazendo espirrar uma poça, e seu casaco pingando atrás dele. Sua mão se fechou em torno de meu braço como uma alga de ferro.

– O que você está fazendo, Adelina? – perguntou, a voz assustadoramente calma.

Tentei em vão me livrar de seu aperto, mas a mão dele só se fechou mais, até que eu arquejasse de dor. Meu pai puxou-me com força – tropecei, perdi o equilíbrio e caí contra ele. A lama espirrou em meu rosto. Tudo o que eu ouvia era o rugido da chuva e sua voz sombria.

– Levante-se, sua pivetinha ingrata – sussurrou em meu ouvido, me puxando com força para cima. Então sua voz se tornou suave: – Venha, meu amor. Você está se destruindo. Deixe-me levá-la para casa.

Olhei para ele e puxei meu braço com toda a força. A mão dele deslizou pela água da chuva – minha pele se retorcia de um jeito doloroso contra a dele e, por um instante, eu estava livre.

Senti sua mão se fechar em um punhado de meus cabelos. Gritei, cerrando as mãos no vazio.

– Um temperamento tão difícil... Por que você não pode ser mais parecida com sua irmã? – murmurou ele, balançando a cabeça e me arrastando na direção de seu cavalo.

Bati com o braço na trouxa que tinha amarrado à sela do garanhão, e a prataria se espalhou a nossa volta com um barulho muito alto, brilhando na noite.

– Aonde você planejava ir? Quem mais iria querer *você*? Nunca receberá uma oferta melhor do que essa. Não se dá conta de quanta humilhação sofreu, tendo que lidar com todas as recusas de casamento que recebeu? Sabe como é difícil para mim me desculpar por você?

Gritei. Gritei com toda força, esperando acordar as pessoas que dormiam nas casas ao redor, que testemunhassem aquela cena. Será que se importariam? Meu pai apertou mais meu cabelo e puxou com força.

– Venha comigo agora! – ordenou ele, parando por um momento para me olhar. A chuva escorria por seu rosto. – Boa menina. Seu pai sabe o que é melhor.

Cerrei os dentes e o encarei.

– Odeio você – sussurrei.

Meu pai me bateu com força no rosto. Uma luz cruzou minha visão. Cambaleei e caí na lama. Ele ainda segurava meu cabelo. Puxou

tão forte que senti fios sendo arrancados. *Fui longe demais*, pensei de repente, através de uma névoa de terror. *Forcei demais a barra com ele*. O mundo flutuava em um oceano de sangue e chuva.

– Você é uma desgraça – sussurrou ele em meu ouvido, enchendo-o com sua raiva suave e fria. – Você vai partir pela manhã. Eu juro que *mato* você antes de permitir que estrague esse acordo.

Algo estalou dentro de mim. Meus lábios se curvaram em um esgar.

Uma onda de energia, uma mistura de luz ofuscante e vento sombrio. De repente eu via tudo: meu pai imóvel diante de mim, seu rosto irritado a uma pequena distância do meu, o entorno iluminado pelo luar tão brilhante que tirava as cores do mundo, deixando tudo preto e branco. Gotas d'água pairavam no ar. Um milhão de fios cintilantes conectava todas as coisas.

Algo dentro de mim mandou que eu puxasse os fios. O mundo a nossa volta congelou, e, como se minha mente tivesse saído do meu corpo e mergulhado no chão, uma ilusão de formas negras muito altas se ergueram da terra, seus corpos deformados se movendo aos solavancos, os olhos injetados e fixos em meu pai, as bocas cheias de presas tão largas que se estendiam por toda a sombra de seu rosto, rasgando a cabeça ao meio. Os olhos de meu pai se arregalaram e depois se moveram depressa, perplexos com os fantasmas que se arrastavam em sua direção. Ele me soltou. Caí no chão e me arrastei para longe dele o mais rápido que pude. As formas pretas e fantasmagóricas continuaram a avançar. Eu me encolhi em meio a elas, indefesa e ao mesmo tempo poderosa, olhando enquanto passavam por mim.

Eu sou Adelina Amouteru, os fantasmas sussurraram para meu pai, pronunciando meus pensamentos mais assustadores em um coro de vozes que gotejavam ódio. Meu ódio. *Não pertenço a ninguém. Esta noite, juro me erguer acima de tudo o que você já me ensinou. Vou me tornar uma força que este mundo nunca conheceu. Terei tanto poder que ninguém ousará me machucar de novo.*

As sombras se reuniram junto dele. *Esperem*, eu quis gritar, mesmo com uma estranha satisfação me preenchendo. *Esperem, parem*. Mas os fantasmas me ignoraram. Meu pai gritou, golpeando desesperada-

mente os dedos ossudos e esticados deles, e então se virou e fugiu. Às cegas. Chocou-se contra o cavalo e caiu para trás, na lama. O animal relinchou, revirando os olhos. Ergueu-se sobre as fortes patas traseiras, agitando as dianteiras no ar por um instante...

E então seus cascos desceram. Sobre o peito de meu pai.

O grito dele foi cortado de um modo abrupto. Seu corpo sofreu uma convulsão.

Os fantasmas sumiram na mesma hora, como se nunca houvessem estado ali. De repente, a chuva voltou a ficar intensa, um relâmpago cruzou o céu e um trovão sacudiu meus ossos. O cavalo balançou a cabeça e galopou na chuva. Calor e gelo corriam em minhas veias; meus músculos latejavam. Fiquei deitada na lama, tremendo, sem acreditar, o olhar cheio de horror fixo no corpo caído a alguns metros dali. Eu respirava com soluços irregulares, e a cabeça queimava de dor. O sangue escorria por meu rosto. O cheiro de ferro invadia meu nariz – eu não sabia dizer se ele vinha das minhas feridas ou das de papai. Abraçando meu próprio corpo, esperei que as formas reaparecessem e voltassem sua ira para mim, mas isso não aconteceu.

– Essa não era minha intenção – murmurei, sem saber para quem.

Corri o olho pelas janelas, apavorada que houvesse pessoas olhando de todos os prédios, mas não havia ninguém ali. A tempestade abafou minha voz. Eu me arrastei para longe do corpo de meu pai. *Está tudo errado.*

Mas isso era mentira. Mesmo então eu já sabia. Você percebeu como sou parecida com meu pai? Eu tinha gostado de cada momento.

– Não era minha intenção! – gritei, tentando silenciar minha voz interior, mas minhas palavras soaram apenas fracas e confusas. – Eu só queria escapar... só queria... fugir... eu não queria... não quero...

Não tenho a menor ideia de quanto tempo fiquei ali. Tudo o que sei é que, por fim, me levantei, cambaleante. Recolhi a prataria espalhada com dedos trêmulos, amarrei outra vez a trouxa e subi na sela de meu cavalo. Fui embora, deixando para trás a confusão que criara. Fugi do pai que tinha assassinado. Escapei tão depressa que nem tornei a me perguntar se alguém tinha ou não me visto da janela.

Cavalguei durante dias. No caminho, negocieei minha prataria roubada com um gentil dono de hospedaria, um fazendeiro simpático, um padeiro de bom coração, até ter adquirido um bom punhado de talentos de ouro que me garantiriam o pão até chegar à próxima cidade. Meu objetivo: Estenzia, a capital portuária do norte, a joia da coroa de Kenettra, a cidade dos dez mil navios. Grande o bastante para estar cheia de *malfettos*. Eu ficaria segura lá. Estaria tão longe de tudo que ninguém jamais me encontraria.

Mas, no quinto dia, a exaustão enfim me dominou – não era nenhum soldado e nunca tinha cavalgado desse jeito antes. Eu me encolhi, um monte delirante e destroçado, diante dos portões de uma fazenda.

Uma mulher me encontrou. Estava vestida com mantos marrons limpos, e me lembro de ter sido seduzida por sua beleza maternal a ponto de meu coração imediatamente se aquecer com a confiança que eu depositava nela. Estendi a mão trêmula para ela, como se para tocar sua pele.

– Por favor – sussurrei, por entre os lábios partidos. – Preciso de um lugar para descansar.

A mulher ficou com pena de mim. Aninhou meu rosto em suas mãos frias e macias, observou minhas marcas por um bom tempo e assentiu.

– Venha comigo, criança – falou.

Conduziu-me até o palheiro no celeiro, mostrando onde eu poderia dormir, e, depois de uma refeição de pão e queijo duro, caí inconsciente, segura em meu abrigo.

Pela manhã, acordei com mãos ásperas me arrastando da palha.

Fiquei assustada, tremendo, e ergui o olhar para dois soldados da Inquisição que me encaravam, as armaduras e túnicas brancas adornadas com ouro, suas expressões duras como pedra. *Os agentes da paz do rei*. Desesperada, tentei conjurar o mesmo poder que sentira antes de meu pai morrer, mas desta vez a energia não me atravessou, o mundo não se tornou preto e branco, e nenhum fantasma surgiu do chão.

Havia uma garota de pé ao lado dos Inquisidores. Olhei para ela por um longo momento antes de acreditar no que via. Violetta. Minha

irmã mais nova. Ela parecia ter chorado, e olheiras escuras maculavam sua perfeição. Havia um hematoma em sua bochecha, preto e azulado.

– Esta é sua irmã? – perguntou-lhe um dos Inquisidores.

Violetta olhou para eles em silêncio, recusando-se a aceitar aquela pergunta – mas nunca soube mentir bem, e o reconhecimento estava óbvio em seus olhos.

Os Inquisidores a deixaram de lado e se concentraram em mim.

– Adelina Amouteru – disse o outro, enquanto eles me colocavam de pé e amarravam minhas mãos às costas. – Você está presa a mando do rei...

– Foi um acidente – arquejei em protesto. – A chuva, o cavalo...

O Inquisidor me ignorou.

– Pelo assassinato de seu pai, Sir Martino Amouteru.

– O senhor disse que, se eu testemunhasse em favor dela, a deixaria livre! – disparou Violetta para eles. – Testemunhei a favor dela! Ela é inocente!

Eles pararam por um instante, quando minha irmã se agarrou ao meu braço. Ela se virou para mim, os olhos cheios de lágrimas.

– Sinto muito, minha Adelinetta – sussurrou, angustiada. – Sinto *muito mesmo*. Eles estavam atrás de você... Nunca tive a intenção de ajudá-los...

Mas ajudou. Virei a cara para ela, porém ainda assim me agarrei a seu braço até os Inquisidores nos separarem. Queria dizer a ela: *Me salve. Você tem que descobrir um jeito.* Mas não encontrei minha voz. Eu, eu, eu. Talvez eu fosse tão egoísta quanto meu pai.



Isso foi há semanas.

Agora você sabe como acabei aqui, acorrentada à parede de uma cela úmida na masmorra, sem janelas e sem luz, sem um julgamento, sem uma única alma no mundo. Foi assim que descobri minhas habilidades e fiquei diante do fim da minha vida com o sangue de meu pai me manchando as mãos. O fantasma dele me faz companhia. Toda

vez que desperto de um sonho febril, vejo-o de pé, no canto da cela, rindo de mim. *Você tentou escapar de mim, diz, mas eu a encontrei. Você perdeu, eu venci.* Digo a ele que fico feliz por ele estar morto. Mando-o ir embora. Mas ele fica.

De todo modo, não tem importância. Vou morrer amanhã de manhã.